

**COMUNIDADE DE PARCEIROS DAS CULTURAS JUVENIS E DAS INFÂNCIAS:  
CONSTRUINDO NOVAS NARRATIVAS, OCUPANDO ESPAÇOS DO TERRITÓRIO E  
MUDANDO UMA HISTÓRIA DE RENDIÇÃO DE CORPOS E CERCEAMENTOS**

**COMMUNITY OF PARTNERS IN YOUTH AND CHILDHOOD CULTURES: BUILDING  
NEW NARRATIVES, OCCUPYING TERRITORIAL SPACES, AND CHANGING A  
HISTORY OF SUBMISSION OF BODIES AND CONFINEMENTS**

**COMUNIDAD DE SOCIOS DE LAS CULTURAS JUVENILES Y DE LAS INFANCIAS:  
CONSTRUYENDO NUEVAS NARRATIVAS, OCUPANDO ESPACIOS DEL  
TERRITORIO Y CAMBIANDO UNA HISTORIA DE RENDICIÓN DE CUERPOS Y  
CERCAMIENTOS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-269>

**Data de submissão:** 27/08/2025

**Data de publicação:** 27/09/2025

**Ângela Maria Bessa Linhares**

Pós-Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: angela.ciranda@hotmail.com

**Marta Regina da Silva Amorim**

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: martareginacontato@gmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo discute e socializa questões que envolvem as culturas juvenis e das infâncias e, no entrelaçamento das duas, uma arte engajada atua de modo a ocupar os espaços no lugar e mudar uma história de rendição de corpos e cerceamentos vividos no bairro do Gesso, no Crato, Cariri cearense. Trata-se de trazer à cena maior do texto o percurso vivido por uma comunidade de parceiros desde suas infâncias e juventudes, aglutinados pelo Grupo Camaradas, que efetivaram enfrentamentos no território referido, onde se vivenciava a conflitualidade de um local de prostituições, também depósito de gipsita. Assim, a atuação das culturas juvenis e das infâncias lograram intervir nos espaços e modificando narrativas no e sobre o lugar. Nele, novas parcerias de cunho estético-expressivas, oportunizaram também mediante a arte uma intervenção na cena pública. Cria-se, nesse contexto, o conceito de comunidade de parceiros das culturas juvenis e das infâncias, a envolver uma parceria que ultrapassa as faixas etárias e atua conjuntamente em ações culturais, visando também interferência político-estética. Os companheiros jovens e os infantes compartilham, pois, movimentos artísticos, a acontecer sistematicamente, articulando grupos e instituições, no bairro e na cidade, junto às escolas públicas e com outros segmentos artísticos partícipes das manifestações culturais no território. Ressalta-se o papel de Alexandre Lucas, principal animador e criador do Grupo Camaradas, e também do Território Criativo do Gesso e do Território da Palavra, que dentre uma diversidade de ações mobilizam crianças nas ruas e praças, com Rodas de Conversa e Saraus Literários, dentre outras atividades que se desdobram e vão dar alento ao Poste Poesia – modalidade de arte literária, que junto a recorte e colagem cria uma imagética colocada nos postes de iluminação das ruas, emblemática da atuação parceira referida.

**Palavras-chave:** Culturas Juvenis e das Infâncias. Narrativas. Intervenção Político-Estética. Educação. Arte.

## ABSTRACT

This article discusses and disseminates issues involving youth and childhood cultures and, in the intertwining of both, an engaged art acts to occupy spaces in the neighborhood and to change a history of bodily subjugation and restrictions experienced in the Gesso district, in Crato, Cariri, Ceará. It aims to bring to the broader scene of the text the trajectory lived by a community of partners since their childhood and youth, gathered by the Camaradas Group, who carried out confrontations in the mentioned territory, where the conflicts of a place marked by prostitution and also a gypsum deposit were experienced. In this way, the performance of youth and childhood cultures managed to intervene in the spaces and to reshape narratives in and about the place. Within this context, new aesthetic-expressive partnerships also enabled, through art, an intervention in the public scene. Thus emerges the concept of a community of partners of youth and childhood cultures, involving a partnership that transcends age groups and acts jointly in cultural actions, also aiming at political-aesthetic intervention. Young partners and children share artistic movements that systematically take place, articulating groups and institutions in the neighborhood and the city, along with public schools and other artistic segments participating in the cultural manifestations of the territory. The role of Alexandre Lucas is highlighted, as the main animator and founder of the Camaradas Group, as well as of the Creative Territory of Gesso and the Territory of the Word, which, among a variety of actions, mobilize children in the streets and squares with Conversation Circles and Literary Soirées, among other activities that unfold and give rise to Poste Poesia—a form of literary art that, combined with cutting and collage, creates imagery placed on streetlight posts, emblematic of the aforementioned collaborative performance.

**Keywords:** Youth and Childhood Cultures. Narratives. Political-Aesthetic Intervention. Education. Art.

## RESUMEN

Este artículo discute y socializa cuestiones que involucran las culturas juveniles y de las infancias y, en el entrelazamiento de ambas, un arte comprometido actúa para ocupar espacios en el barrio y cambiar una historia de rendición de cuerpos y de cercamientos vividos en el barrio del Gesso, en Crato, Cariri, Ceará. Se trata de llevar a la escena mayor del texto el recorrido vivido por una comunidad de compañeros desde sus infancias y juventudes, aglutinados por el Grupo Camaradas, que realizaron enfrentamientos en el territorio mencionado, donde se experimentaba la conflictividad de un lugar marcado por la prostitución y también como depósito de yeso. De este modo, la actuación de las culturas juveniles y de las infancias logró intervenir en los espacios y modificar narrativas en y sobre el lugar. En este contexto, nuevas alianzas de carácter estético-expresivo posibilitaron también, mediante el arte, una intervención en la escena pública. Se crea, así, el concepto de comunidad de compañeros de las culturas juveniles y de las infancias, que implica una colaboración que trasciende las franjas etarias y actúa conjuntamente en acciones culturales, buscando igualmente una interferencia político-estética. Los compañeros jóvenes y los niños comparten, pues, movimientos artísticos que ocurren sistemáticamente, articulando grupos e instituciones en el barrio y en la ciudad, junto a las escuelas públicas y con otros segmentos artísticos partícipes de las manifestaciones culturales en el territorio. Se resalta el papel de Alexandre Lucas, principal animador y creador del Grupo Camaradas, así como del Territorio Creativo del Gesso y del Territorio de la Palabra, que, entre una diversidad de acciones, movilizan a los niños en las calles y plazas, con Ruedas de Conversa y Veladas Literarias, entre otras actividades que se despliegan y dan origen al Poste Poesía-modalidad de arte literario que,

junto al recorte y al collage, crea una imaginería colocada en los postes de iluminación de las calles, emblemática de la actuación colaborativa mencionada.

**Palabras clave:** Culturas Juveniles e Infantiles. Narrativas. Intervención Político-Estética. Educación. Arte.

## 1 INTRODUÇÃO

Temos como objetivo principal deste artigo evidenciar o campo discursivo que sustenta e opera com o conceito de comunidade de parceiros das culturas juvenis e da infância, a atuarem construindo novas narrativas e ocupando espaços no território do Gesso, no Cariri cearense. Assim, mudam uma história de rendição de corpos prostituídos e cerceamentos, que mediante parcerias na arte, a efetivar enfrentamentos que vão modificando os próprios sujeitos e fortalecendo transformações que se operam na crítica da cultura.

Partimos de uma reflexão sobre o Crajubar (conjunção de Crato, Juazeiro e Barbalha), onde se insere o território do Gesso, um espaço de sertão no território caririense, Ceará, com seus tensionamentos e formas culturais singulares. Nessa discussão focalizamos o Gesso, anterior espaço de prostituição, exclusão e depósito de gipsita, onde as culturas juvenis e das infâncias, compartilhando arte vão ocupar a cena pública com suas novas narrativas e jornadas artísticas.

Em tal ambiência, situamos as infâncias e culturas juvenis neste local, que passa a se modificar com a atuação dos grupos juvenis que do lugar se articulam com outros e interferem modificando o espaço em que intervêm. Por fim, discutiremos novas visões de infância, a partir das leituras de Alexandre Lucas sobre o vivido no Gesso com as culturas juvenis e as crianças das novas gerações, aproveitando campo inédito da tese em fase de conclusão, de Marta Amorim, sobre o conflito de narrativas no Gesso. Nesse sentido é que culturas juvenis e das infâncias se voltam para experiências culturais, dessa forma movimentando a cena social do espaço caririense, em outras direções.

Nesse escopo, em uma primeira seção do presente artigo situaremos o ambiente sociocultural do Cariri, onde fica o Crajubar – que é um nome composto com as sílabas iniciais dos municípios de Juazeiro, Barbalha e Crato – sendo neste último que se situa o território do Gesso, contexto que se recorta para este estudo. A seguir, em uma segunda seção focalizamos as intervenções levadas a efeito pelos grupos culturais e, particularmente, pelo Grupo Camaradas. Neste, Alexandre Lucas é figura central, que com sua presença no cenário cultural aglutina diversos outros grupos juvenis que assumem transformações no território. Tais intervenções político-estéticas, concretizadas como ações artísticas sistemáticas, organizam uma espécie de “cerco” de expressões culturais que atuam de modo significativo, modificando a paisagem local, que antes se caracterizava por dar lugar a uma zona de meretrício, de agravadas exclusões sociais.

Em uma terceira seção veremos as discussões sobre a ideia de infância, observando como no bojo das mudanças protagonizadas pelas infâncias e juventudes, que iam à frente desses movimentos, criam-se ações culturais no território que vão instaurando outros possíveis, abrindo espaços para que se ouça suas vozes e narrativas. Vejamos a síntese da estrutura do artigo, por seções.

- **Seção 1.** Nesta primeira seção, qual anunciado, situaremos o contexto sociocultural do Cariri, onde fica o Crajubar – os municípios de Juazeiro, Barbalha e Crato, pois neste último se situa o bairro do Gesso, recorte do estudo.
- **Seção 2.** Agora, no território do Gesso destaca-se o Grupo Camaradas e as intervenções que, unindo crianças e jovens, passa-se a fazer no local, expandindo-se para a cidade. Evidenciamos aqui o lugar proeminente de Alexandre Lucas, aglutinador de grupos juvenis e dos infantes nessa ação.
- **Seção 3.** Discutimos, aqui, o conceito de comunidade de parceiros das culturas juvenis e das infâncias, que constituem uma unidade no diverso, potente para atuar com o âmbito político-estético, expressivo e capaz de criar intervenções nos espaços coletivos do meio. Assim é que mediante a arte-cultura examinamos ações múltiplas da socialidade infanto-juvenil que apontam indicadores que carreiam mudanças de narrativas e vida no território.

Sigamos pelas veredas anunciadas, antes explicitando o caminho metodológico.

## 2 DO CAMINHO METODOLÓGICO

Utilizamos a abordagem (auto) biográfica, centrada nas narrativas de crianças e jovens, como via de configuração de espaços que se decompõem em experiências de si e jornadas artísticas multifacetadas. Nesse percurso, a narratividade vivida alcança campos significantes novos, a atuarem quais emblemas de processos de expressividade infanto-juvenil, dos quais se quer falar enquanto arte e como intervenção no espaço social do território do Gesso.

As entrevistas narrativas, procedimento central da escolha metodológica feita, atua, então, “nesse espaço em que o ator parte da experiência de si”, que faz suas incursões nas “histórias pessoais que nos constituem”, seguindo de forma “autorreflexiva” pelos caminhos de sua itinerância (Souza, 2011, p. 217). É, pois, por objetivar dar lugar de fala reflexiva aos percursos juvenis e que vão incluindo a infância do local, que elegemos tal caminho pesquisador. Observava Passeggi (2011, p. 147) que se deve frisar a dimensão autopoietica, criadora, da escrita ou relato de si, pois que: “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se.”

Se os métodos biográficos perceberam “a indissociabilidade do sujeito do conhecimento e do autoconhecimento”, nos assevera Conceição Passeggi (2016 a, p. 71), apoiada em Astier & Duvoux (2006), com mais razão se pode afirmar que tal vertente metodológica se aplica às reflexões em que os sujeitos falam de suas histórias singulares e suas intersecções com outras, inscrevendo-as em um

sócius. Muito particularmente as crianças e, evidentemente, os jovens (ambos sujeitos deste trabalho, o segmento juvenil carreando o dos infantes), agrupam-se como *parceiros expressivos em itinerários culturais plurais*, segundo nomeamos, exprimindo compartilhamentos e intervenções político-estéticas, manifestas pela via da arte. Como atores de suas criações compõem o que estamos a conceituar como *comunidade de parceiros das culturas juvenis e das infâncias*, estreitando o laço do conhecimento de si junto ao Outro, tais compartilhamentos intervindo no meio em que se situam.

Importa, ainda, ajustar que utilizamos para os sujeitos da pesquisa, crianças e jovens, pseudônimos (nomes de flores), com exceção de Alexandre Lucas, cujo relevo tipifica o valor organizativo e diretor do Grupo Camaradas no âmbito da comunidade das culturas juvenis e das infâncias, que do território do Gesso expande-se para outros lugares.

### 3 DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 SEÇÃO 1. DO CARIRI CEARENSE E DA CONURBAÇÃO URBANA CRAJUBAR

O Cariri cearense, em pleno semiárido nordestino, demonstra em sua história traços da violência estrutural dos sertões e, ao mesmo tempo, a resistência a isso, e que deslanchou uma cultura onde a arte popular tem sua pujança ímpar. Destacam-se nos trabalhos de Limaverde (2015); Batista (2018); Florêncio (2016); Gallucci, Paris & Marques (2021); Meneses & Leite (2016); Marques (2004), dentre outros, onde vige a pujante expressão dos sertões no território cultural caririense.

O trabalho de Dias (2019), cuja tese é intitulada “Encantamento e civilização: construções discursivas de uma região – o Cariri cearense”, lê-se sobre as pilastras da colonização e a conflitualidade deste território, do século XVII até a década de 1980. Segundo o autor, na década de oitenta se tem o ápice de um processo onde as representações sociais sobre a região evidenciam “um espaço peculiar no contexto da formação cultural brasileira” (Dias, 2019, p. 15).

A construção discursiva sobre a região do Cariri, para Dias (2019), possui quatro tempos chaves. No primeiro, o autor examina como este território vai se distinguindo no ambiente sertanejo por seus recursos naturais e culturais. No segundo, sobressai-se nas representações sociais sobre o lugar o trabalho religioso de Padre Ibiapina, com suas missões e a figura proeminente do Padre Cícero Romão Batista, conferindo feição decisiva à singularidade do universo cultural local, em sua conjunção com a dimensão do religioso, na face cristã.

Já em um terceiro tempo se tem como referência a fundação do Instituto Cultural do Cariri (ICC), que será emblema de espaços discursivos onde intelectuais confrontam seus discursos, defendendo argumentos nucleados na ancestralidade indígena dos Kariri e na cultura popular. A partir da década de sessenta, as culturas juvenis vão ocupando a cena e o Nação Cariri (nome de um

movimento cultural de destaque) comenta a própria história do lugar, abrindo-se para o híbrido nas culturas (Canclini, 1997).

O cognome Crajubar, reiteramos, designa a junção das cidades do *Crato*, *Juazeiro* e *Barbalha* – repare que o início de cada uma dessas palavras compõe o termo vai uni-las. Desse modo, embora a expressão tenha sido utilizada em discursos desenvolvimentistas, na verdade esse termo é uma alusão “às causas de interesse de uma comunidade de sentido sustentada em referências identitárias comuns” e que se mesclam (Dias, 2019, p. 510).

### 3.2 SEÇÃO 2. DO TERRITÓRIO DO GESSO: ERA UM DEPÓSITO DE PEDRAS DE GIPSITA E AMBIÊNCIA DE EMPOBRECIMENTO AGRAVADO, ONDE SE CONSTRUIU ESPAÇOS DE VIR A SER DAS CULTURAS JUVENIS E DAS INFÂNCIAS, QUE SE DISSERAM NO COMPASSO DA ARTE

O território do Gesso, situado no sul do estado do Ceará, no Cariri, povoava-se a partir das atividades desenvolvidas em torno das pedras de gipsitas, pois as pedras que vinham da cidade de Santana do Cariri eram depositadas no lugar, antes de seguirem de trem para Fortaleza. É então que migrantes chegam no local e constroem um aglomerado de casas que abrigariam, posteriormente e por dado tempo, um dos maiores espaços de prostituição do interior nordestino.

Para Andrade (2000, p. 2), o meretrício representa um universo “pontilhado por muitos conceitos e preconceitos, imagens cristalizadas, estereótipos e clichês que demonstram conhecimentos sobre elementos que dizem respeito às meretrizes. É como se tudo já estivesse esclarecido”. Entre as décadas de 1940 e 1960, a prostituição foi tratada como caso de polícia, onde era realizada intensa fiscalização no local, tanto com relação à delimitação dos espaços e horários para as atividades, quanto com relação à presença das crianças nas ruas, nos horários de maior circulação de pessoas. Ao mesmo tempo, a linha do trem que atravessava a localidade representava uma linha imaginária entre a zona de prostituição e o resto da comunidade. Tudo isso repercutiu nas infâncias deste tempo e seu devir juvenil, que em décadas posteriores ensejaram ultrapassar o estigma vivido e intervir com novas narrativas e ocupações político-estéticas nesses espaços sociais.

Em entrevista, uma das moradoras do Gesso, Margarida (pseudônimo), nos fala que as crianças ficavam “trancadas, muitas delas juntas, sobretudo nas horas que não se podia transitar nas ruas, especialmente em certos espaços, como a rua São Francisco”, que centralizava o espaço habitado, “núcleo dos salões e casas de prostituição”. “Era preciso que respeitassem as linhas que separavam corpos e espaços”, é repetido pelos sujeitos da pesquisa, de diversas formas. Nas falas das juventudes do lugar observa-se a marca da fiscalização, da vigilância e da ação do Comissariado de Menores,

presente nas memórias da infância dos jovens: “O comissariado ficava na rua todinha, vigiando. Protegia o salão das mulheres chamadas da vida. Aí a gente não podia passar lá. Tinha um buero aqui e ali eram os vagões do trem, onde a gente também não podia ficar porque tinha muita pedra de gesso”. Ora, “se o comissariado pegasse menino na rua, dali levava preso; e a gente morria de medo. Porque se pegasse ia para a cadeia de menor” (Margarida, narradora). Gérbera apontou que “era proibido brincar nos depósitos de gipsita, e também existia uma separação dos limites entre as áreas, separadas pela linha do trem”.

Que infâncias se (in) visibilizam nesse contexto?

### 3.3 SEÇÃO 3. DO CONCEITO DE INFÂNCIAS MÚLTIPLAS E DA SOCIALIDADE INFANTO-JUVENIL – CARREANDO MUDANÇAS NA VIDA DAS CULTURAS E NAS LINGUAGENS QUE AS EXPRESSAM

É inegável que a diversidade das formas de ser criança e comparecer no mundo das culturas vem gerando inquietações que chegam a impactar cânones formativos. É quando as categorias de sua diferença (da forma de viver das infâncias) problematizam seus modos de portar-se no território e suas leituras. Estas, atravessam ambientes sociais íntimos e avançam para a escola e os demais espaços públicos que compõem as socialidades dos infantes. É quando a diversidade tanto individual como social vai se tornando visível, que nos defrontamos com uma infância concreta, singular, a requerer formas de linguagem consentânea com suas vidas. E por que as múltiplas infâncias surpreendem e desalojam os saberes e lugares sociais dos que lidam com o conceito de infância em educação? Por que se inquietam os adultos nos lugares acostumados a lidar com a infância, bem como com as culturas juvenis, se desarranjando os passos ante o anúncio do que não se reconhece mais no habitual caminho percorrido?

Ora, ao longo da história se lidou com grande diversidade de formas de se viver e compreender infância. Partiremos aqui da problematização da ideia multifacetada de infância, para compreender seu encontro junto aos percursos juvenis, nos enlaces da arte e rua, escola e vida, no território do Gesso. Na prática, confrontam-se grupos e argumentos que lidam com as infâncias (Ostetto, 2019a; Sarmento, 2005; Corsaro, 2002, 2009; Sirotá, 2001; Quinteiro, 2002b; Moura, 2019) e suspende-se o conhecido para entrevermos a região penumbrosa da inconformidade e os ensaios do novo.

O estado surpresivo em que se fica quando se lê o que se tem posto como transtorno ou *déficit*, bem como o que se tem dado o nome de disfunção ou deficiência nos impele rever que não se pode definir pessoas apenas pelo que se julga serem suas lacunas. Recai, então, nos mesmos campos de dor ora de perplexidades a pergunta: o que se tem tomado como infância em seus percursos aos tempos

juvenis, e que não conseguimos pronunciar? Parece que saímos de um caminho pedagógico onde nos posicionávamos ante uma suposta normalidade, para adentrar em um campo de tão extensas diferenças que se constata estar a exigir, de partida, outra concepção do sujeito na educação.

É que tem sido recorrente os educadores e artistas se indagarem, muito apropriadamente: temos escutado o múltiplo das infâncias em suas trilhas junto às culturas juvenis? Ou temos fincado pé em enxergar nelas somente suas faltas, insistindo vê-las anotando observamos precipuamente lacunas? Apenas insuficiências assinalam os singulares sujeitos infantes que não se encaixam mais nos lugares acostumados dos bancos escolares e das formas de considerar a infância?

É bem verdade que atualmente os critérios da saúde pública e da organização escolar vão singularizando a criança; proscreve-se sua abstração, sua entidade vaga, genérica. Passa-se a considerar como fazer para que ela, com sua singularidade, povoe os campos de experimentação de si que lhe poderiam ser franqueados ou propostos. Começa-se a acertar quando se pergunta não só pelo que lhe falta, mas pelo que cada uma possui pessoal e coletivamente como diferença.

Nessa ambiência de construções sobre concepções de infância, Clarice Cohn (2013, p. 224) acolhe como emblema dessas discussões o trato teórico-prático dos pesquisadores junto à criança indígena. Algumas trilhas da escuta à criança indígena ensinam que vale não só falar “sobre”, mas “com” ela, e escutá-las. Os trabalhos significativos dos antropólogos, observa a autora, ao invés de *investigarem sobre este Outro que se quer conhecer*, partem para inquirir: *por que não escutar as crianças e suas vidas, considerando também a voz delas mesmas?* Sigamos tal lógica, que coloca um aspecto importante do pensamento no assunto.

Comecemos, mais uma vez, pela etnologia indígena. Esta começou a olhar mais diretamente para as crianças nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil. Foi quando estudos específicos sobre as infâncias indígenas começaram a ser realizados, pela primeira vez observando-as no que elas são, ouvindo-as, acompanhando-as em suas atividades e em seus passos. (Cohn, 2013, p. 224)

E a pesquisadora vai historiando um pouco a construção de múltiplas visões de infância, conforme comprehende a contemporaneidade, em sua vertente crítica. Pinça em sua analítica que também nas abordagens da antropologia se tem percorrido caminhos assemelhados:

Como se sabe, desde que os primeiros colonizadores pisaram no Novo Mundo abundam referências sobre as crianças de seus habitantes primordiais. O mesmo acontece na antropologia, que desde sempre se referiu às crianças, lembrando que elas sempre acompanhavam as e os antropólogos, falando de ciclos de vida etc. Mas foi só quase no final do século 20 que esforços concentrados e focados foram expedidos para buscar entender as crianças e suas vidas por elas mesmas. (Cohn, 2013, p. 224)

De acordo com alguns destes estudos referidos por Cohn, no caso, o de Alvarez (2004, p. 53), temos na atenção ao infante indígena da etnia Maxakali, novas compreensões, porquanto afirmam ser a criança “o fio que tece as várias dimensões da sociabilidade”, e que “é através dela que se inaugura a relação com o outro”. Cohn (2013, p. 224) adita também ser de importância considerar em suas socialidades o que nomeia de “idioma da corporalidade”, que temos lido também como inserções nos espaços de brincar e experimentar-se, convivendo com companheiros.

Corsaro (2002), por seu turno, vai puxar a alça da reprodução interpretativa entre pares, articulando a ideia de que não só de reprodução e aprendizagens do meio vive a criança, mas do que cria de novo em seu ambiente de companheiros infantis. É que para Corsaro (2002, 2009) as atividades infantis são interpretação do mundo e criação, mas é determinante para nessa dupla face o fato de serem coletivas. Ora, as culturas infantis se assentam nos mundos de vida das crianças e estes se caracterizam pela heterogeneidade. Sarmento (2003, 2005) já havia sido contundente em suas anunciações sobre o silenciamento feito à criança e seus mundos heterogêneos, quando se estuda esses atores sociais. Também tal heterogeneidade é observada nas culturas juvenis (Carrano, 2011).

A interpretação das culturas infantis, em síntese, não poderia ser realizada no vazio e pairando acima do mundo social em que se inscrevem. Ao contrário, necessitam de se sustentar nas análises das condições sociais em que as crianças vivem, interagem, interferem no meio e dão sentido ao que fazem. Evidentemente, os estudos que tentam percebê-las como atores sociais, e dar-lhes lugar de fala, capturam compreensões importantes.

No nosso caso, pelo que lemos no âmbito experencial do território do Gesso, nos espaços onde crianças e jovens vivenciam suas expressões culturais como companheiros ou parceiros, estes realizam um dialogismo e uma intervenção que interfere com vigor no ambiente social. Chamamos a esse compartilhamento de *comunidade de parceiros das culturas juvenis e das infâncias*, que no laço do conhecimento de si junto ao Outro intervêm no meio.

É válido abrirmos um parágrafo inestancado para ouvirmos o que (re) criam as crianças em seus grupos de pares e com seus parceiros juvenis, nessa comunidade de compartilhamentos, afeitos a novas narrativas de si, do meio e à sua expressividade na arte. Observamos em nosso estudo que quando culturas juvenis e das infâncias se unem e atuam em manifestações artísticas, de maneira perseverante, suas experiências efetivam intervenções que propiciam novas narrativas sobre o lugar e no lugar, resultando por essas experiências serem formativas.

Examinamos, também, que quando se articulam com as culturas juvenis partilhando mundos expressivos na arte, a experiência vivida pela criança não se faz como um extenso solilóquio. É que nas partilhas vividas os infantes elaboram uma experiência parceira, que lhes devolve a potência de

reinventar saberes e narrativas. É nessa medida que as questões do universo de companheiros da infância e juventudes nos leva a elaborar proposições mais específicas ao âmbito singular do grupo e do lugar, nas abordagens educacionais.

O percurso das experimentações infanto-juvenis, em seu ímpeto fabulador, é em muito semelhante ao movimento que perfaz a criança em sua experiência com símbolos, base da personificação e da teatralidade. Dessa maneira, os infantes ensaiam suas produções, com as quais dão sentido às suas experiências com o seu rico simbolismo, utilizando palavras e imagens também para ensaiarem suas percepções de mundos (Staccioli, 2011; Castell, 2012). Em suas *práxis* emancipatórias, a consubstanciam-se em novas narrativas e práticas político-estéticas no território, as culturas juvenis e das infâncias exercitam novas atuações em arte nos espaços coletivos, muito especialmente em ruas, espaços públicos e escola, modificando a cena cultural do lugar.

É que de primeiro há um campo coletivo onde o sujeito-criança diz sua voz, tentando individuar-se, na tentativa de ser ouvido, mais que de ouvir. É o chamado monólogo coletivo de Piaget (1976), que Vygotsky (2008) retoma, anunciando, cada um, ênfase em um dos termos (indivíduo ora coletivo, respectivamente). Os autores recaem na observação da dupla tarefa da infância: a de individuar-se, dar sua voz ao que vai aprendendo da língua e do Outro; e a de adquirir certo domínio singular, força de dizer-se, no meio de experiências de si. Nessa dobradura, no imaginário coletivo os infantes se fazem sujeito de linguagens e, no espaço de alteridade criado, se desenvolvem, muito particularmente em espaços com outros companheiros das culturas juvenis, qual observamos.

Atentar para o fato de que as crianças percebem muito de como os adultos a veem e por vezes se recusam a aceitar as representações que fazem de si, nos remete a Arroyo (2008, p. 131) quando este leva ao extremo a questão do reconhecimento das singularidades das múltiplas ideias de infâncias, em fuga de uma visão universal que pulveriza diversidades. Nesse solo, faz-nos a pergunta: “Como essas interpretações múltiplas da infância interrogam o pensamento pedagógico?”

Dentre tantos delineamentos, há que incluir, ao pensar infâncias, como o fizemos com as juventudes, o mundo de vida de suas experiências parceiras. Por nossos estudos e práticas com arte, estes nos indicam que a ambiente expressiva de crianças e jovens traça compartilhamentos que muito nos dizem das suas vidas, atos e falas como atores sociais (Linhares, 2003; Linhares & Amorim, 2022). Enfatizamos que a experiência cultural das crianças vivida em conjunto com a das culturas juvenis, pelo que pudemos examinar, sugere ser essa parceria na arte, onde se une o mundo do infante com os mundos juvenis, um campo onde estes potencializam suas ações como sujeitos sociais.

### **3.3.1 Seção 3.1 A arte e seus devires: infâncias e culturas juvenis reinventadas**

As culturas dos infantes e dos jovens, em sua expressão político-estética, nos remete à formulação inicial da ideia de estética, com Baumgarten, que trata da acepção do grego *aisthesis* como sendo o que passa pelos sentidos e vai criar a região da sensibilidade, do que não fica apenas na instância corporal, mas a atravessa (Linhares, 2003). Nos primórdios do século XVIII, assevera-nos T. Eagleton (2010, p. 01), a ideia de estética não se concentrava na distinção entre arte e ciência, “mas entre o material e o imaterial: entre coisas e pensamentos, sensações e ideias; entre o que está ligado à nossa vida como seres criados se opondo ao que leva a uma espécie de existência sombria nos recessos da mente”. Em suma, o que era considerado àquele tempo penumbroso é o que se vai ser considerado depois um espaço perceptivo outro, não definido de modo restritivamente material, abrindo-se ao espiritual das culturas e sua interseção com o mundo encarnado (Linhares, 2006).

Contemporaneamente, se tem visto que a presença do imaginário da infância e das juventudes, bem como seus compartilhamentos, desvela-se na diversidade de formas de viver essa partilha. Variabilidade que se necessita considerar. É que acolhendo essa ideia se faz preciso oportunizar a cada infância – com suas dimensões pessoais e seus coletivos de grupos vários, com suas etnias e outras condicionantes – uma gama de expansões expressivas que vão compor seus ensaios de singularização. Assim é que, no território do Gesso, no Crato, rodas de conversa nas praças, articuladas com várias expressões em arte como leituras literárias públicas, socialização de manifestações musicais e dança-teatro, como também grupos de mamulengos, de quadrilhas, bibliotecas populares em espaços criativos variados e o Poste Poesia passam a vicejar. Na verdade, são ações regulares que revelam criações artísticas inscritas na cena cultural do lugar e assumidas pela *comunidade de parceiros das culturas juvenis e das infâncias*.

O Grupo Camaradas à frente, envolvendo outros grupos artísticos e das juventudes, precipuamente, criou como ação permanente o Território da Palavra, que envolve várias atuações e objetiva, segundo Alexandre Lucas, “colaborar com processo de democratização das leituras e das literaturas e construção de uma comunidade leitora (no Gesso), possibilitando a ampliação da visão social de mundo e organização popular”. Dentro do Território da Palavra foram sendo construídas várias ações, cada uma com seu núcleo e coordenação. Neste Território da Palavra, reitera-se, foram realizadas nos últimos anos várias atividades desenvolvidas no campo da palavra – Poste Poesia, Pontos de Leituras em Bodegas da Comunidade, Rodas de Poesia, Grupos de Poesia, Rodas de Leituras, Núcleos de Contação de Histórias, Sebo, Cine-Gesso e lançamento de livros e livretos.

Encontros culturais de diversos formato foram assumidos pelos grupos juvenis do Cariri, que incluem infantes, em particular no território do Crato, Juazeiro e Barbalha, movimentados pelo Grupo

Camaradas. Assim, dão corpo ao que nomeamos de *ação da palavra esculturada*. Saem do puro caráter de evento (algo que passa como um vento forte), para daí essas ações se sedimentarem como trabalho perseverante, a percorrer espaços diversos o ano inteiro. Muito embora haja momentos de intensificação dessa atuação das culturas juvenis e da infância, em suas partilhas, como nas amostras culturais, dentre outras ocasiões de articulação mais intensa, observa-se uma sistemática atuação, que se ramifica e amplifica de maneira a ocupar o território permanentemente. “O Coletivo utiliza meios de comunicação para potencializar os eventos e fortalecer narrativas sobre a importância da palavra como meio para a emancipação dos sujeitos”, diz Margarida. E: “Através de um discurso de democratização das leituras, literaturas e dos livros como veículo para a promoção de uma cultura leitora e cidadania cultural”, diz Begônia, cria-se novas narrativas no e sobre o mundo do Gesso”.

Debrucemo-nos em uma publicação na mídia local, sob o título “Escola no Crato terá trocaria e doação de livros durante Mostra da Palavra”, na Escola Municipal Pedro Felício Cavalcanti. No decorrer do texto vê-se a movimentação que, embora estimule a doação de livros na Mostra, abarca uma gama de ações junto a estudantes das escolas públicas da área do Gesso e circundantes. “A Mostra será composta por oficinas, rodas de conversas, intervenções urbanas, trocaria e doações de livros, saraus e batalha de rima (Cafundó, 6 de junho de 2024)”.

Como explicitação da Trocaria se elenca uma complexidade das ações que envolvem a comunidade de parceiros constituída pelas culturas juvenis e das infâncias, bem como outros atores sociais. Lucas narra: “A Trocaria já nasceu como algo para ser além de um momento de trocas apenas. Outras atividades foram sendo agregadas à ação, como ações lúdicas, apresentações artísticas, serviços, distribuição de mudas e reivindicação de melhorias para a comunidade.” E: “essa visibilidade ocorreu por conta do trabalho de envolvimento de diversos sujeitos sociais e de instituições governamentais, como é o caso de secretarias municipais, universidades públicas e particulares, além de coletivos, artistas e intelectuais”. Frisa ainda o jovem (Lucas, 2018) como aspecto chave nessas realizações “a construção de uma narrativa que evidencia o lugar a partir de suas peculiaridades e potências criativas”, para isso usando também “redes sociais e a produção de materiais para a imprensa, servindo para evidenciar esse processo de articulação comunitária”.

As culturas juvenis e das infâncias, ao abrirem-se para intervir no espaço cultural do Gesso e da cidade efetivam uma crítica ao “processo de ocupação do território e sua estratificação social”, apontando novos devires. Trabalha-se “as narrativas externas e internas ao lugar do Gesso, a partir do processo de ‘desinvisibilização’ territorial e da apresentação da sua potência criativa, incluindo a criação da rede do Território Criativo do Gesso”, narra-nos Lucas (2018).

Criadas pelo Coletivo Camaradas, as estratégias de articulação e dialogismo em redes “quer potencializar as ações desenvolvidas pelas organizações da sociedade civil e do poder público que estão situadas ou que atuam nos bairros circundantes do Gesso, como Centro, Pinto Madeira, Santa Luzia e São Miguel”, diz Antúrio. “Ao refletir sobre os processos de ocupação do território e sua estratificação social os jovens foram propondo novas narrativas com potência criativa, na rede do Território Criativo do Gesso” (ajunta Gérbera).

“Emblemático dessa forma de atuar é a Roda de Poesia e a intervenção urbana Poste Poesia, que também nasceram como ações que tiveram início na Trocaria”, conta-nos Lucas (2020). E sobre os livros que se iria trocar na Mostra de que se fala tem-se no texto da publicação referida: “O Coletivo Camaradas realizará nos 13 e 14 de junho, no Colégio Municipal Pedro Felício Cavalcanti, no Crato, trocaria e doação de livros durante a Mostra da Palavra. Uma campanha de arrecadação de livros novos e usados está envolvendo estudantes da escola e o público em geral.” E: “A comunidade escolar poderá nos dias da Mostra aproveitar para ampliar o seu acervo literário”, já que “a ação envolverá a arrecadação e redistribuição de livros didáticos à religiosos, mas o foco é promover a circulação da literatura brasileira e estrangeira. A produção de cordéis e livretos publicados pelo Coletivo Camaradas também serão distribuídos durante o evento” (Cafundó, 6 de junho de 2024).

Veja-se que o Grupo Camaradas não restringe sua ação à ambiência da comunidade do Gesso, mas amplifica o que faz para a cidade com um todo, o signo do livro criando uma ambiência imaginal e também concreta. Leia-se mais na Mostra da Palavra: “A intenção do Ponto de Cultura pela escolha do local é demonstrar que a escola pública é um dos principais equipamentos culturais de democratização estética e artística das cidades”, e visa atingir “um público que na sua maioria não tem acesso à diversidade e pluralidade das artes e das manifestações culturais (Cafundó, 2024). E acentuam a parceria das crianças na organização e no evento como um todo.

É destacado pelos jovens que a ação cultural empreendida sistematicamente no território do Gesso e arredores intenta intervir, também, na política municipal do livro, como se vê no texto: “A Mostra da Palavra demonstra a necessidade da implementação de uma política municipal do Livro, da Leitura e da Literatura como forma de planejar e organizar a política pública de fomento, circulação e promoção da cadeia econômica e social da literatura” (Cafundó, 6 de junho de 2024).

A Trocaria, pois, espraiando-se para um ramalhete de ações, também tem na Mostra da Palavra a Batalha de Rima, na qual as culturas juvenis e as crianças vão compondo atuações em auditórios, formando plateias com turmas das escolas e outros grupos. Assim, “tanto quem assiste faz-se ator da cena coletiva quanto quem protagoniza a criação das rimas nos versos –, uma vez que a plateia coreografa no momento das criações de versos/rimas um coral de corpos, com suas ondas e operação

rítmica com o *beat* marcando o compasso”, diz Begônia. E Cravo, criança, acrescenta: “as artes como também a gente se junta e tudo fica mais inteiro”. Em outro lugar, em uma publicação com o título “Poesia marginal e tradicional se juntam em Mostra no Crato”, é enfatizado o valor dos vários tipos de poesia. Depois, noutro tempo e lugar ocorreu a Oficina “Lambe-Lambe Poético”, com Ricardo Alves, que junto com Alexandre Lucas foram criadores do Poste Poesia no Gesso.

O Sarau, por sua vez, contou com a colaboração dos poetas do Cariri, como Preta Poeta (Natália Pinheiro) que faz parte do Coletivo Camaradas, e Dark Ferreira e Dextape, os três fazendo parte do movimento Original Rap Kariri; já os cordelistas são da Academia de Cordel do Crato e se fizeram presentes: Regiopídio Lacerda, Anilda Figueiredo e Nezite Alencar. Durante as atividades da Mostra da Palavra incluía-se o universo infanto-juvenil, reitera-se, mediante também Rodas de Conversas, visando avaliar o que ia sendo vivido no encontro. Parcerias da *ação esculturada na palavra* e que aqui apontamos como emblemas da compreensão que possuem os companheiros que se unem em torno do Grupo Camaradas.

Dentre as práticas literárias partilhadas coletivamente com crianças e grupos juvenis funcionando como animadores e organizadores constantes, possuem assento no dia a dia da comunidade as bibliotecas volantes, que postam seus livros mesmo em botecos, índice de uma mudança impostergável, dentre outros movimentos expressivos que passaram a costurar narrativas e tempos novos conjuntos. Como diremos, estes indicadores nos sugerem um percurso formador de uma consciência político-estética, que se inscreve nas culturas juvenis e das infâncias, e por meio de suas parcerias na arte se firmam companheiros de vida, linguagem e intervenções no meio.

Quando entrevistamos Girândola e ela nos fala de sua infância entre pedras, terrenos baldios com restos de lixo, fim de linhas do trem com seus dormentes, a antes criança do Gesso aponta que “eram casas de dia fechadas, de noite abertas, por ser este lugar do Gesso o dos corpos rendidos à prostituição”. Narra que “escapou”, e logo solta: “não gosto de falar disso, mas eu podia ser qualquer coisa”. Arremata, após: “fui ver que todos nós, crianças que ficávamos trancafiadas quando poderíamos ficar brincando nos espaços livres da comunidade, e os jovens que ficavam com a gente, cuidados por alguns adultos, fincamos parcerias”. Margarida explicita: “se não saímos para explorar nosso mundo porque havia ‘função’ de dia, passamos a aprender a intervir naquele meio, mudar o que precisava”. E: “porque se ficava junto, crescíamos juntos, fizemos um grupo de companheiros, camaradas, como será chamado um dos grupos depois que fundamos na nossa juventude”. Foi nesse esforço que “vivemos um leque grande de formas de fazer arte”, pois que “se a gente criou arte de muitos modos é porque cada um dava sua forma para um tipo de expressão artística onde muitos outros iam participar.”

Pode-se notar que os jovens e infantes partícipes das experimentações em arte, feitas pelas culturas juvenis do Gesso, mediados pela ação do Camaradas, passam a ocupar os espaços do território com novos fazeres, novas formas culturais se aliando às anteriores e as desenvolvendo. Movimenta-se uma vida cultural enfrentando uma norma cultural antes voltada precipuamente aos salões noturnos e às suas limitadas derivações, que se estendiam aos horários diurnos e ceifavam os espaços da infância e juventudes percorrerem o território com mais opções de escolha vivencial.

No caso das crianças do Gesso, que fariam da arte uma grande aposta de superação de limites pessoais e coletivos do lugar, Gérbera (hoje jovem do lugar) explica que “antes se sentiam juntos”, e, “embora houvesse nos espaços do Gesso algumas mulheres que olhavam a gente, que eram pagas para esse cuidado, isso era muito difícil para a gente criança, pois se ficava trancada, não deixava de ser.” E: “Nas casas ou salões mais ricos não se aceitavam mulheres com crianças. Ou quando aceitavam tinha que ter uma casa com pessoa cuidando delas. Mas... Protegiam a quem? – depois fomos nos perguntar.” Chamamos Cohn (2013, p. 241) quando observa: “de um lado, a concepção de infância informa (sempre) as ações voltadas às crianças – e, de outro, que as crianças atuam desde este lugar seja para ocupá-lo, seja para expandi-lo, ou negá-lo... É a partir dele que agem ou é contra ele que agem”.

Estamos ressaltando que não só de negações do que não é possível perdurar (o que importa) vivem os companheiros, que exercitam serem propositivos, com ações que afirmam lugares e visões novas. Rosa Dália, uma adolescente de treze anos que começou a frequentar o Coletivo Camaradas ainda criança, nos fala sobre sua sensação de participar do Poste Poesia (a poesia nos postes de luz): “É pura poesia se juntar criança e jovem, botando nossos poemas nos postes das ruas”. Para nós, passantes, emociona ver livros e poesias espalhados e cuidados com amor também nas Higinotecas, bibliotecas itinerantes feitas com caixotes em botecos e mercearias da comunidade (o nome Higinoteca é uma homenagem a um cordelista da cidade, de nome Higino).

Valle anotar que nos espaços das ruas, com o Poste Poesia, sobretudo, se teve oportunidade de visibilizar o que parecia “coisa de meninos e jovens mal saídos dos cueiros da infância”, como conta outra jovem, Gardênia. O Poste Poesia prepara o coração para rodas de rua e estas àquele, pois os poemas nos postes era uma extensão dos ensaios literários, das leituras, das criações em rimas, dos recorte-colagens, do teatro-dança e da música. É nítido, portanto, que o Poste Poesia é um signo da ocupação do espaço pelos sujeitos jovens e pela infância, que atuando juntos criavam novas narrativas sobre a vida do Gesso, se sobrepondo a uma história encerrada em alguns de seus tristes cenários.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes repetiu-se nas imagens televisivas sobre os sertões uma criança nordestina em um lugar seco, circundada de bichos mortos – gado, aves, vegetações, campos esturricados – na paisagem que ao fundo apresentava paus e cactos ressecados, e onde ela brincava solitariamente com ossinhos de animais. Estaria a compor, naquele momento brincante, um reduto impenetrável aos argumentos de destruição ao seu redor? Ou seria como se o impostergável presente dissesse à infância e às culturas juvenis: leva-me à arte? Não é bem verdade que, de todo modo, ali existia uma alma pensante, ainda que em situações crudelíssimas?

Realizando intervenções nos espaços livres das linhas do trem e dos depósitos de gipsita, crianças e jovens enveredavam por galpões, praças, terrenos e calçadas, e, com variantes diversas, viviam ações culturais infanto-juvenis, ocupavam novos lugares vívidos de se dizerem. Um devir infanto-juvenil faz, vimos, seu trajeto pelo imaginário da arte, com seus ensaios de singularização, autonomia e compartilhamentos, no movimento mesmo de uma intervenção social político-estética.

Pode-se concluir afirmando que os possíveis das culturas juvenis e das infâncias se constroem por meio de ações político-estéticas e artísticas que tecem novos olhares para o que antes era invisibilizado e devia ser mudado. Daí o lugar da parceria dos participes das culturas da infância e juvenil no Gesso ter investido na instauração do novo na vida das culturas. Nesse campo, antes com limites extensos, expandem-se os possíveis da infância e das culturas juvenis em sua artisticidade, tornando nítido a possibilidade de crianças e jovens atuarem conjuntamente. No laço de suas parcerias em arte e cultura tem-se a potência de ambos, seus ensaios expressivos tecendo uma intervenção crítica na cultura.

Importa dar nitidez ao fato de que a arte auxilia a repensarmos o que temos apontado insistentemente: que a potência imaginativa que reina na infância não resulta de uma insuficiência do pensamento objetivo, mas de uma dimensão própria do humano – a capacidade de criar mundos. E de poeticamente povoá-los, brincar com eles, levá-los avante. Mesmo em situações onde o poderio abusivo desse estágio do capital mundializado pareça colocar em derrocada uma ética de vida.

Pudemos capturar então que, juntas, as culturas juvenis e dos infantes adquirem potência e cavam seus espaços de mostrar-se. Os jogos simbólicos – dentre eles o popular faz-de-conta, dir-se-ia o protótipo do brincar imaginante da infância – são feitos, inclusive, com as figurações de um mundo imaginal cujos heróis são os seus parceiros mais velhos. E quanto às formas orais e comunitárias de produção e saberes, Oliveira (2017, p. 312) nos diz, apoiada em Manuela da Cunha (2009), que se o conhecimento tradicional pode ser considerado um “conjunto de formas particulares de gerar conhecimento”, isso não significa dizer que este conhecimento “é imperiosamente antigo”. O saber

ancestral pode ser recriado. Há muitos regimes de conhecimento que medram onde se situam companheiros jovens, e, nesse campo, se gesta a atenção ao novo e novas formulações do que valia.

Dessa forma, transmudados pela força imaginante, grupos de crianças extraem conteúdo do universo dos sonhos juvenis de que partilham, como também das coletividades onde vivem, recriando o que nunca esteve ali antes – o inédito das culturas. Mesmos eventos gradativamente longe no tempo e espaço se misturam com as questões que as culturas juvenis vivenciam no aqui e agora, nestas figurações da fantasia e da crítica costurando sentidos para experimentações no mundo.

Assim é que quando se observa a arte e o potencial imaginativo do fazer-sentir-pensar da infância, em partilhas com as culturas juvenis, vê-se que a cena da artística sai do íntimo, do familiar, do escolar, para as ruas – e o Poste Poesia é emblemático dessa trajetória. A manifestação dos parceiros – crianças e jovens – passa a abarcar um inumerável conjunto de ações artísticas em diversos tempos e espaços da vida comunitária, o que resulta por adquirir a conotação de intervenção social e propiciar o desdobramento de ações a partir da criação de novas narrativas sobre si e seus mundos.

Dentre tantos pontos de luminescências, acendamos para que brilhe o fato de que o modo de trabalhar as capacidades imaginativas é próprio da criança e das culturas juvenis, e que esta diáde atua como na linguagem artística: ao mesmo tempo em que realiza experiência de si imaginal efetiva, cria uma intervenção político-estética no campo social em que se situam. Assim, se um ser que fala diz de si, também nos remete ao auditório social em que está e donde cria um *entre*: espaço intersubjetivo que cabe um eu e um Outro, capazes de associarem-se em seus sonhos.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Myriam M. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização. *Revista Anthropologicas*, Recife, v. 15, n. 1, p. 49-78, 2004.
- ARROYO, M. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais* – Petrópolis: Vozes, 2008. p. 119 - 140.
- BATISTA, L. S. Rap e Identidade Cultural: uma análise dos grupos Irmandade Rap Crato e Júnior Baladeira. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- BENEVIDES; CAMPOS; OLIVEIRA (org.). *Infância, arte e produção cultural*. Estância Velha/RS: Z Multi Editora, 2021.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, poderes oblíquos*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas*. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- CARRANO, Paulo. Editorial do Dossiê Jovens, Territórios e Práticas Educativas. *Revista Teias*: v.12, n. 26, 2011.
- CASTELL, C.P. *Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado*. Rio de Janeiro: FUEG, 2012.
- COHN, Clarice. *Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil*. Civitas, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio-ago. 2013.
- CORSARO, W.A. (A reprodução interpretativa no brincar de “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Culturas*, 17, 113-134, 2002.
- CORSARO, W.A. *Reprodução Interpretativa e cultura de pares*. In: F. Müller & A.M.A. Carvalho (Orgs.), *Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro* (pp. 31-50). São Paulo: Cortez, 2009.
- DAYRELL, Juarez. A Escola “faz” as juventudes? *Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- DIAS, Carlos Rafael. *Encantamento e civilização: construções discursivas de uma região (o Cariri cearense)*. 554 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- EAGLETON, T. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 (edição digital).
- FLORENCIO, L. R. S. *O Reino da Glória e a moral católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato – CE*. 163f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2016.

GALLUCCI, Natacha Muriel López; PARIS, Andreia Aparecida; MARQUES, Roberto. Apresentação do Dossiê Cultura (s) do (s) Cariri (s): artes e filosofias, trânsitos e diversidade. Revista Vazantes, v. 5, n. 1, p. 12-18, 22 dez. 2021.

LIMAVERDE, Rosiane. Arqueologia Social Inclusiva: a Fundação Casa Grande e a Gestão do Patrimônio Cultural da Chapada do Araripe - Nova Olinda-Ceará, Brasil. 474f. Coimbra\PT. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e educação. 2<sup>a</sup> edição. Ijuí- Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2003.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. Para uma nova concepção de sujeito nas práticas educativas: situando elementos do Paradigma do Espírito. In: COSTA, S. G. (Org.) Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

LINHARES, A. M. B. AMORIM, M. R. S.; Conflitos de Narrativas e culturas juvenis na Comunidade do Gesso: percursos do Coletivo Camarada. In: Adauto Lopes da Silva Filho et al. (Org.). Filosofia e Educação: concepções, teorias e saberes. 1<sup>a</sup> edição. Curitiba: CRV, 2022, v. , p. 249-260

LUCAS, A. Coletivo Camaradas, poesia e organização. 19 jul. 2018. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/313186-1>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

LUCAS, Alexandre. A Trocaria já nasceu como algo para ser além de um momento de trocas apenas.... Vermelho, 2025. Disponível em: <https://vermelho.org.br>

MENESES, Sônia; LEITE, P. C. R.. Narradores do Cariri: alguns apontamentos para o tempo presente. In: Meneses, Sônia. (Org.). Cariri, Cariris: outros olhares sobre um lugar (in)comum. 1. ed. Recife: Imprima Expressão Gráfica, 2016, v. 01, p. 47-60.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. A noção de cultura em Gupta e Ferguson, Sahlins e Cunha. REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 4, volume 4(1):287- 315, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, Adrienne O. RIBEIRO, Tiago (org.). Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019 a., cap. 2, p. 47-72.

OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau, v.14, n.1, p.57 76 jan. /abr. 2019.

OSTETTO, L. E. Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M. da Conceição. Narrativas de experiência na pesquisa – formação do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico, Roteiro, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan. /abr. 2016 a.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M.J. Imaginário e culturas da infância. Cadernos de Educação, 12(21), 51-69. Pelotas-RS, 2003.

SIROTÁ, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p. 7-31, 2001.

STACCIOLI, G. As diversões visíveis das imagens infantis. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2, p. 21-37, maio/ago. 2011.

MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.) Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância. Campinas: Autores Associados, pp: 27- 60, 2011.

MARTINS, C. H. S; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 01, p. 43-56, jan. /abr. 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v36n01/v36n01a04.pdf>. Acesso em 10 set. 2022.

MARQUES, Roberto. Contracultura, tradição e oralidade. (Re)Inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume, 2004.

MATISSE, H. É preciso olhar a vida com olhos de criança. In: MATISSE, H. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 370-372.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 313-325, maio/ago. 2019.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137 162, jul./dez. 2002b.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância. In: Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.